

Esta sexta edição da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación contempla várias temáticas comunicacionais que vêm sendo pesquisadas pelos estudiosos no contexto da contemporaneidade. As contribuições distribuídas nas várias seções farão o leitor perceber a riqueza e a pluralidade dos assuntos aqui tratados.

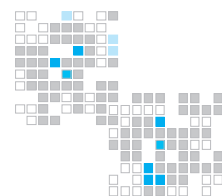
Em entrevista concedida a Maria Cristina Gobbi, o pesquisador venezuelano Alejandro Alfonso relembra como as iniciativas da Unesco, na década de 1970, em torno de políticas democráticas de comunicação e desenvolvimento nos países-membros, impulsionaram a criação da Alaic em 1978. Especialista em temas de comunicação e telecomunicações para o desenvolvimento da cultura democrática na sociedade do conhecimento, Alejandro foi presidente interino da entidade em 1982. Trata-se de um significativo resgate histórico dos protagonistas dos estudos latino-americanos na época, que ficará registrado para as gerações atual e futuras.

Abrindo a seção de artigos, José Marques de Melo, em “A recepção das idéias de Wilbur Schramm no Brasil”, destaca o papel decisivo deste estudioso na renovação dos estudos comunicacionais nas universidades norte-americanas. Para compreender o impacto desse estudioso na sociedade brasileira, Melo percorre o seu itinerário intelectual, vislumbrando as circunstâncias que explicam o fenômeno da “modernização sem desenvolvimento”. Vanina A. Papalini, em “Hermenéutica y comunicación: hacia una dialógica crítica,” busca estabelecer uma articulação entre a hermenéutica proposta por Gadamer e os postulados de Bakhtin, para aplicá-los na consideração dos objetos de estudo do campo da comunicação. César Bolaño, com o texto “Democratización en la IAMCR/AIERI/AIECS: avances del período 2004-2007 y nuevos desafíos”, apresenta as iniciativas tomadas por essa entidade, nos últimos anos, quanto a facilitar o acesso de pesquisadores do terceiro mundo a seu sistema de afiliação.

Em “O capitalismo internacional e as novas configurações da regulação da informação e da comunicação”, Othon Jambeiro, Valério Cruz Brittos e Anita Simis debatem as alterações da regulamentação da indústria das comunicações, ante o conjunto de transformações que vêm demarcando a contemporaneidade, a partir da reestruturação capitalista. Os autores assinalam o estabelecimento de uma nova relação entre Estado, sociedade e corporações transnacionais e nacionais, que provoca a tendência crescente de uma regulamentação liberalizante, favorecedora da ação dos agentes privados. Guiomar Salvat Martinrey, em “Paradojas éticas del periodismo en la era digital”, analisa as conseqüências éticas e morais das novas tecnologias da informação na chamada globalização e a fragmentação do fenômeno próprio da era digital.

Luiz C. Martino, em “Escola latino-americana de comunicação: equívoco teórico e político”, delineando o surgimento da Elacom a partir da incorporação das condições estruturais do subdesenvolvimento na análise da ação dos meios, analisa criticamente a tese de que o subdesenvolvimento proporcionaria uma vantagem epistemológica. Maria Ogécia Drigo e Luciana Coutinho Pagliarini de Souza, em “Comunicação e semiose: aspectos do potencial comunicativo de textos”, baseando-se em Charles Sanders Peirce e António R. Damásio, enfatizam que a compreensão da semiose na mente humana, envolvendo o sentir e o agir, permite explicitar idéias gerais para orientar estudos sobre o potencial comunicativo de textos, bem como para a elaboração destes.

Alberto Albruzzese analisa a passagem do visível para o sensível. Repensa teoricamente a relação problemática entre as novas tecnologias e o corpo, a partir da metáfora das invasões bárbaras. Assim como os bárbaros, antigamente considerados inferiores, conseguiram destruir o império romano, na nossa época os novos horizontes tecnológicos apresentam-se como



portadores de um novo tipo de invasão que ameaça o pensamento ocidental, tornando visível a sua própria crise. Massimo Di Felice, fazendo uma reflexão sobre as novas fronteiras das estéticas contemporâneas ligadas às performances corporais radicais de autores como Orlan e Stelarc, propõe uma análise conceitual dos distintos significados do conceito de pós-humano que, nos últimos anos, se difundiram nos debates acadêmicos da Europa e dos Estados Unidos, substituindo, de certa forma, as tradicionais discussões sobre a pós-modernidade.

A seção de comunicações científicas traz cinco trabalhos resultantes de pesquisas acadêmicas. Em “Estrategias publicitarias alternativas dirigidas a los jóvenes en España: análisis de casos en revistas”, Carmen López de Aguilera Clemente e Emma Torres Romay analisam como, na atualidade, por motivos distintos, os jovens constituem um coletivo complexo, de difícil sedução. Em conseqüência exige-se que as estratégias publicitárias formuladas para cativar a sua atenção e atingir a eficácia desejada se valham de recursos diferentes dos habituais, recorrendo-se a novas alternativas e, muitas vezes, tangenciando a transgressão, a polêmica ou a incorreção.

Lise Renaud e Carmen Rico de Sotelo, em “Comunicaciones y salud: paradigmas rivales”, relatam a evolução das perspectivas da comunicação no tocante às questões da saúde. Questionam-se: por que persistem os problemas no campo da saúde, mesmo depois de se utilizarem programas de comunicação para a saúde? O artigo destaca a coexistência de diversas perspectivas teóricas, às vezes até opostas, dependendo da escola de pensamento.

Natalia Aruguete e Carlos Muñiz Muriel, em “La ‘demonización’ de Entel: un mecanismo mediático para justificar su privatización”, analisam o tratamento dado, por cinco diários argentinos de alcance nacional, ao caso da privatização da Empresa Nacional de Telecomunicações (Entel), partindo do aporte teórico da agenda setting.

Em “Interacción y comunicación para la salud: fundamento para la implementación de programas de sexualidad y VIH/sida”, Janet García González e sua equipe ressaltam o papel da comunicação como processo social, de interação, de difusão e de intervenção para gerar atitudes e estimular práticas favoráveis no contexto da saúde pública, pondo o foco em doenças sexualmente transmissíveis como a aids na juventude periférica.

Em “Sobre los usos de los ‘juegos en red’ en áreas periurbanas de Buenos Aires”, Roxana Cabello analisa uma prática cultural que tem se desenvolvido, de forma acelerada, desde o princípio deste século: o consumo de jogos on-line, destacando o modo como este consumo se manifesta fora de domicílios, em ambientes de descontração que se configuram como locais de acesso público, em um bairro periférico da capital argentina.

Na seção de estudos, Marcelino Bisbal, em “Los postgrados de comunicación social en Venezuela: entre la institucionalización, el mercado y la emergencia”, aborda de forma panorâmica o desenvolvimento da pós-graduação em comunicação e cultura naquele país. O autor detalha os distintos e variados programas de pós-graduação em comunicação social oferecidos pela Universidad Católica Andrés Bello, espaço acadêmico venezuelano que hoje oferece o maior número de cursos nesse nível.

Cada edição da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación é sempre um desafio para a equipe editorial. Trata-se de um processo que é construído nos mínimos detalhes, a partir dos princípios estabelecidos desde sua criação em 2004. O rigor científico na avaliação dos textos recebidos e a abertura de espaço para a pluralidade de idéias, a diversidade temática e a contribuição de autores dos mais diversos centros de estudos da América Latina e de outros países constituem nossas principais preocupações.

Agradecemos a todos os que tornaram possível a viabilização de mais este número da revista, cuja manutenção só está sendo possível graças ao apoio recebido de instituições como a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e das empresas patrocinadoras, que têm percebido a importância dessa iniciativa para o avanço dos estudos de comunicação na América Latina. Aos autores, aos membros do Conselho Editorial e a todos os demais colaboradores, nosso reconhecimento por sua contribuição. Esperamos que esta publicação se torne, cada vez mais, uma referência internacional de qualidade das ciências da comunicação no continente latino-americano. Boa leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Editora

Esta sexta edición de la Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación contempla varias temáticas comunicacionales que vienen siendo investigadas por los estudiosos en el contexto de la contemporaneidad. Las contribuciones distribuidas en las diversas secciones le harán percibir al lector la riqueza y la pluralidad de los asuntos aquí tratados.

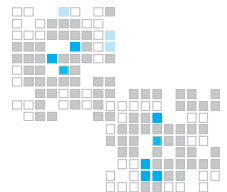
En entrevista concedida a Maria Cristina Gobbi, el investigador venezolano Alejandro Alfonso recuerda cómo las iniciativas de la Unesco, en la década de 1970, en torno de políticas democráticas de comunicación y desenvolvimiento en los países-miembros, impulsaron la creación de la Alaic en 1978. Especialista en temas de comunicación y telecomunicaciones para el desarrollo de la cultura democrática en la sociedad del conocimiento, Alejandro fue presidente interino de la entidad en 1982. Se trata de un significativo rescate histórico de los protagonistas de los estudios latinoamericanos en la época, que quedará registrado para la generación actual y en las futuras generaciones.

Abriendo la sección de artículos, José Marques de Melo, en “La recepción de las ideas de Wilbur Schramm en el Brasil”, destaca el papel decisivo de este estudioso en la renovación de los estudios comunicacionales en las universidades norteamericanas. Para comprender el impacto de ese estudioso en la sociedad brasilera, Melo transcurre su itinerario intelectual, vislumbrando las circunstancias que explican el fenómeno de la “modernización sin desarrollo”. Vanina A. Papalini, en “Hermenéutica y comunicación: hacia una dialógica crítica”, busca establecer una articulación entre la hermenéutica propuesta por Gadamer y los postulados de Bakhtin, para aplicarlos en la consideración de los objetos de estudio de campo de la comunicación. César Bolaño, con el texto “Democratización en la IAMCR/AIERI/AIECS: avances del período 2004-2007 y nuevos desafíos”, presenta las iniciativas tomadas por esa entidad, en los últimos años, en cuanto facilitar el acceso de investigadores del tercer mundo a su sistema de afiliación.

En “El capitalismo internacional y las nuevas configuraciones de la regulación de la información y de la comunicación”, Othon Jambeiro, Valério Cruz Brittos y Anita Simis, debaten las alteraciones de la reglamentación de la industria de las comunicaciones, frente al conjunto de transformaciones que vienen demarcando la contemporaneidad, a partir de la reestructuración capitalista. Los autores señalan el establecimiento de una nueva relación entre Estado, sociedad y corporaciones transnacionales y nacionales, que provoca la tendencia creciente de una reglamentación liberalizadora, favorecedora de la acción de los agentes privados. Guiomar Salvat Martinrey, en “Paradojas éticas del periodismo en la era digital”, analiza las consecuencias éticas y morales de las nuevas tecnologías de la información en la llamada globalización y la fragmentación del fenómeno propio de la era digital.

Luiz C. Martino, en “Escuela latinoamericana de comunicación: equívoco teórico y político”, delineando el surgimiento de la Elacom a partir de la incorporación de las condiciones estructurales del subdesarrollo en el análisis de la acción de los medios, analiza críticamente la tesis de que el subdesarrollo proporcionaría una ventaja epistemológica. Maria Ogécia Drigo y Luciana Coutinho Pagliarini de Souza, en “Comunicación y semiosis: aspectos del potencial comunicativo de textos”, basándose en Charles Sanders Peirce y António R. Damásio, enfatizan que la comprensión de la semiosis en la mente humana, envolviendo el sentir y el actuar, permite explicitar ideas generales para orientar estudios sobre el potencial comunicativo de textos, así como para la elaboración de éstos.

Alberto Albruzzese analiza el pasaje de lo visible para lo sensible. Repiensa teóricamente la relación problemática entre las nuevas tecnologías y el cuerpo, a partir de la metáfora de las invasiones bárbaras. Así como los bárbaros, antiguamente considerados inferiores, consiguieron



destruir el imperio romano, en nuestra época los nuevos horizontes tecnológicos se presentan como portadores de un nuevo tipo de invasión que amenaza el pensamiento occidental, tornando visible su propia crisis. Massimo Di Felice, haciendo una reflexión sobre las nuevas fronteras de las estéticas contemporáneas vinculadas a las performances corporales radicales de autores como Orlan y Stelarc, propone un análisis conceptual de los distintos significados del concepto de pos-humano que, en los últimos años, se difundieron en los debates académicos de Europa y de los Estados Unidos, substituyendo, de cierta forma, las tradicionales discusiones sobre la pos-modernidad.

La sección de comunicaciones científicas trae cinco trabajos resultantes de investigaciones académicas. En “Estrategias publicitarias alternativas dirigidas a los jóvenes en España: análisis de casos en revistas”, Carmen López de Aguilera Clemente y Emma Torres Romay analizan cómo, en la actualidad, por motivos distintos, los jóvenes constituyen un complejo colectivo, de difícil seducción. En consecuencia, se exige que las estrategias publicitarias formuladas para cautivar su atención y attingir la eficacia deseada, se valgan de recursos diferentes de los habituales, recurriendo a nuevas alternativas y, muchas veces, al límite de la trasgresión, la polémica o la incorrección.

Lise Renaud y Carmen Rico de Sotelo, en “Comunicaciones y salud: paradigmas rivales”, relatan la evolución de las perspectivas de la comunicación en lo tocante a las cuestiones de la salud. Se cuestionan: ¿por qué persisten los problemas en el campo de la salud, mismo después de utilizarse programas de comunicación para la salud? El artículo destaca la coexistencia de diversas perspectivas teóricas, algunas veces hasta opuestas, dependiendo de la escuela de pensamiento.

Natalia Aruguete y Carlos Muñoz Muriel, en “La ‘demonización’ de Entel: un mecanismo mediático para justificar su privatización”, analizan el tratamiento dado por cinco diarios argentinos de alcance nacional, al caso de la privatización de la Empresa Nacional de Telecomunicaciones (Entel), partiendo del aporte teórico de la agenda setting.

En “Interacción y comunicación para la salud: fundamento para la implementación de programas de sexualidad y VIH/sida”, Janet García González y su equipo resaltan el papel de la comunicación como proceso social, de interacción, de difusión y de intervención para generar actitudes y estimular prácticas favorables en el contexto de la salud pública, poniendo en destaque a las enfermedades sexualmente transmisibles como el SIDA en la juventud periférica.

En “Sobre los usos de los ‘juegos en red’ en áreas periurbanas de Buenos Aires”, Roxana Cabello analiza una práctica cultural que se ha desarrollado, de forma acelerada, desde el inicio de este siglo: el consumo de juegos on-line, destacando el modo cómo este consumo se manifiesta fuera de los domicilios, en ambientes de diversión que se configuran como locales de acceso público, en un barrio periférico de la capital argentina.

En la sección de estudios, Marcelino Bisbal, en “Los postgrados de comunicación social en Venezuela: entre la institucionalización, el mercado y la emergencia”, aborda de forma panorámica el desenvolvimiento de la pos-graduación en comunicación y cultura en aquel país. El autor detalla los distintos y variados programas de pos-graduación en comunicación social ofrecidos por la Universidad Católica Andrés Bello, espacio académico venezolano que hoy ofrece el mayor número de cursos en ese nivel.

Cada edición de la Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación es siempre un desafío para el equipo editorial. Se trata de un proceso que es construido en los mínimos detalles, a partir de los principios establecidos desde su creación en 2004. El rigor científico en la evaluación de los textos recibidos y la abertura de espacio para la pluralidad de ideas, la diversidad temática y la contribución de autores de los más diversos centros de estudios de América Latina y de otros países, constituyen nuestras principales preocupaciones.

Agradecemos a todos los que tornaron posible la realización de más este número de la revista, cuya manutención sólo está siendo posible gracias al apoyo recibido de instituciones como la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo y de las empresas patrocinadoras, que han percibido la importancia de esa iniciativa para el avance de los estudios de comunicación en América Latina. A los autores, a los miembros del Consejo Editorial y a todos los demás colaboradores, nuestro reconocimiento por su contribución. Esperamos que esta publicación se torne, cada vez más, una referencia internacional de calidad de las ciencias de la comunicación en el continente latinoamericano. ¡Buena lectura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Editora